

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Aliados em ondas curtas: o rádio brasileiro na II Guerra Mundial

Allies on the short waves: Brazilian radio in World War II

Orlando de Barros*


Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.


Recebido em: 22 jan. 2022.

Aprovado em: 25 abr. 2022.



*Professor Associado aposentado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (orlandodebarros@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-8148-6206>

 <http://lattes.cnpq.br/9861518495327275>

Resumo

A mídia radiofônica foi uma das mais impressionantes tecnologias a se desenvolver no século XX, deixando de ser a caixa de ruídos de 1918 para se transformar num sólido sistema de publicidade, de difusão de ideias e conceitos de todas as naturezas. Ao começar a II Guerra Mundial, os aperfeiçoamentos tinham levado a um sistema mundial, baseado no alcance das ondas curtas, que varavam os continentes. Nas nações mais fortes surgiram conglomerados privados ou públicos capazes de exercer grande difusão mundial, como as redes da CBS americana, da BBC britânica ou da DW alemã. Como o Brasil foi conduzido à guerra como integrante das Nações Unidas, o rádio brasileiro teve relações muito estreitas e especiais com os norte-americanos e britânicos durante o conflito.

Palavras-chave: Rádio e diplomacia cultural. Rádio na II Guerra Mundial. Relações Vargas/Roosevelt. Boa vizinhança radiofônica.

Abstract

The radio media was one of the most impressive technologies to develop in the 20th century, moving from being the noisy box of 1918 into a robust system for advertising, spreading ideas and concepts of all kinds. By the outbreak of World War II, improvements had led to a global system, based on the shortwave range that swept the continents. In the strongest nations, private or public conglomerates capable of great worldwide broadcasting emerged, such as the American CBS, the British BBC or the German DW networks. As Brazil was led into the war as a member of the United Nations, Brazilian radio maintained very close relations with the Americans and the British during the conflict.

Keywords: Radio and Cultural Diplomacy. Radio in World War II. Vargas/Roosevelt relations. Good Neighbor Radio.

Uma das tecnologias mais consequentes e de mais rápida evolução no mundo foi a radiodifusão. Introduzida pouco antes de 1920, logo se tornou um instrumento de comunicação social eficiente, tanto para fins comerciais quanto públicos, ou dos aparelhos governamentais dos mais variados países. Trouxe inúmeras possibilidades profissionais, que permitiram um desenvolvimento técnico capaz de veicular campanhas especialmente projetadas não só para o interesse econômico, mas também político, ideológico, diplomático, militar *etc.* Enfim, o rádio nasceu e cresceu com a vocação de instrumento capaz de modelar a opinião pública, merecendo a atenção dos governos do mundo inteiro (ver LAVOINNE, s.d).

Nos anos 30, com o aperfeiçoamento das emissões em ondas curtas, a radiodifusão passou a ter alcance mundial, tendo alguns conglomerados de comunicação poderosos surgido nos Estados Unidos, na Inglaterra, França e Alemanha, podendo ser privados ou estatais. Quando estatais, não era incomum que as emissoras se tornassem fonte importante de propaganda ideológica e de diplomacia cultural e política. Um exemplo deste viés foi o uso das emissões alemãs depois de 1933, quando o nazismo chegou ao poder e o rádio foi minuciosamente desenhado para servir ao partido governante, com recursos quase ilimitados do Ministério da Cultura e Propaganda, sob a chefia maleficamente competente de Joseph Goebbels (ver LONGERICH, 2014, segunda parte). As emissões internacionais brasileiras em ondas curtas datam do início dos anos 40, quando a principal emissora brasileira, a Rádio Nacional, passou ao controle do governo (BARROS, 2001, cap. 1 e 6).

Quase na mesma ocasião, houve uma reformulação aprofundada do órgão publicitário do governo, que foi renomeado DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda –, que logo criou a esperada Divisão de Radiodifusão. Vargas tinha sido aconselhado por Simões Lopes, que viajara em missão à Alemanha em 1934, para observar o funcionamento do ministério de Goebbels e oferecer sugestões para aproveitamento no Brasil.¹ Aliás, a legislação sobre o uso do rádio no Brasil só atendeu os interesses complexos em torno das emissões radiofônicas em 1932, quando Vargas, pelo Decreto-lei nº 21.111, de 1º de março de 1932, estabeleceu uma regulamentação que se mostrou duradoura, exceto pelas modificações feitas no sentido de estreitar o controle governamental sobre o rádio. E foi assim que a mídia radiofônica se concretizou no Brasil, em sua potencialidade comercial, política e ideológica, nos anos 30 e 40, popularmente conhecida como Era do Rádio.

¹ Carta manuscrita de Luiz Simões Lopes, datada de 22 de setembro de 1934, de Londres, a Getúlio Vargas (CPDOC-FGV, GV 34.09.22, XVI-20). Trechos da carta: “(...), tencionando passar somente dois ou 3 dias; mas tomando informações sobre o Ministério da Propaganda, tão interessante me pareceu a sua organização, que fiquei 8 dias, coligindo notas e, principalmente, cópia da moderna legislação alemã sobre trabalho, propaganda *etc.* (...) A organização do Ministério da Propaganda fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura dele no Brasil. (...) mas podemos adaptar a organização alemã dotando o país de um instrumento de progresso moral e material formidável”.

Ao começar a Segunda Guerra Mundial, as emissões internacionais se tornaram muito mais politizadas. Havia uma preocupação com a recepção, sendo proibida a de programas estrangeiros em alguns países de regimes autoritários, e mesmo passível de processo criminal. Entre 1 de setembro de 1939 e 28 de janeiro de 1942, o governo brasileiro reservou-se em cumprir a neutralidade, isto é, como não beligerante, o que deixava em aberto a recepção de programação estrangeira no Brasil. As emissoras estrangeiras mais poderosas tinham programas em português, ou em espanhol; mas as emissoras alemãs e italianas, de ideologia fascista, tinham programas também em suas línguas, voltadas para os contingentes de emigrantes do sul do Brasil. Como o rádio em ondas curtas se tornou quase uma mania, alguns jornais publicavam a programação de algumas das emissoras estrangeiras que transmitiam em português.

Eis um exemplo desse tipo de programação, em 19 de março de 1941, de emissora alemã, publicada pelo jornal de maior circulação do Distrito Federal. Às 18:50, *início*. 19, *audição de violino, por Helmut Zernick*. 19:30, *palestra versando sobre os acontecimentos atuais*. 19:45, *noticiário em alemão*. 20, *noticiário em português*. 20:15, *Salada mista ("programa para gente alegre", em português)*. 21, *audição de órgão Wurlitz, com Gerhard Gregor*. 21:30, *Eco da Alemanha*. 22, *2º noticiário em português*. 22:15, *noticiário do front*. 22:30, *do mundo do cinema* (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 mar. 1941, p. 8). Depois do ataque japonês a *Pearl Harbour* tudo isso mudou. O governo brasileiro declarou então solidariedade aos Estados Unidos e, atendendo solicitação do governo Roosevelt, convocou uma reunião de chanceleres com o objetivo de conseguir dos países do continente americano o rompimento de relações com o Eixo (cf. HILTON, 1977; MOURA, 1991). Então o DIP e os órgãos policiais vieram a exercer coibição ou restrição da propaganda das programações das emissoras "inimigas", mas não puderam impedir a recepção, embora tentasse às vezes.²

Também o Brasil passou a fazer emissões em línguas estrangeiras, especialmente em espanhol, difundidas especialmente para a América do Sul. Depois da mencionada declaração de solidariedade, esperava o governo Roosevelt que o Brasil exercesse sua influência sobre os países da região, para que se mantivessem cooperativos com os aliados, ou pelo menos que estes ficassem aquietados. A Rádio Nacional criou uma repartição para essa finalidade, com ênfase nas transmissões em espanhol, e contratou um falante nacional da língua, Vicente Payá, para cuidar da importante emissão. Em 1943, as difusões em línguas estrangeiras funcionavam bem e eficientemente, graças ao treinamento de pessoal e à importação de uma potente antena de ondas curtas que veio a ser usada para tal fim (BARROS, 2001, cap. 6). De outro modo, há uma intensificação das "relações radiofônicas" com as Nações Unidas, com os Estados Unidos especialmente, e seus aliados.

² APRJ. Delegacia Especial de Segurança Política e Social. Dossiê - "Emissora Alemã de Ondas Curtas"- 20 out. 1940. Alemão - Pasta n. 3. Durante a excursão da FEB na Itália, em 1944, o governo emitiu decreto-lei proibindo a posse de receptores de ondas curtas por nacionais dos países inimigos, sendo muitos aparelhos recolhidos pela polícia. A medida mostrou-se ineficaz, no entanto.

*

Depois de 15 de janeiro de 1942, com a instalação da Terceira Reunião de Consulta aos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas no Rio, e tendo o chanceler Oswaldo Aranha respondido seis dias depois às embaixadas do Eixo que o Brasil se manteria fiel aos princípios pan-americanos, as emissoras de rádio norte-americanas passaram a conceder grande espaço a assuntos brasileiros. Mas o governo do Estado Novo não manteve a palavra e fez o contrário, motivo da mencionada interpelação do Eixo e da resposta do chanceler Aranha. Quase imediatamente numerosas pessoas de expressão na vida brasileira começaram a aparecer no rádio norte-americano e, em alguns casos, a serem contratados. Um dos primeiros, em março de 1942, foi o maestro Francisco Mignone que viajou a convite aos Estados Unidos, onde ministrou cursos, tomou parte em diversas atividades e dirigiu um programa musical em Washington, por ocasião do Dia das Américas, em 14 de abril. Como resultado dessas atividades, a *Columbia Broadcasting System* o contratou por um ano como regente, no transcorrer do ano de 1943, a serviço das transmissões da rede de rádio da companhia, que cobria praticamente todo o território norte-americano, além de ter um serviço internacional de ondas curtas muito extenso (A NOITE, Contratado pela *Columbia Broadcasting System* o maestro Mignone, 9 mar. 1942).

O episódio mais importante de cooptação de brasileiros pelo governo dos Estados Unidos foi, sem dúvida, o convite para permanecer naquele país um grupo de jornalistas brasileiros, sob a chefia de Júlio Barata, ex-diretor da Divisão de Rádio do DIP. O grupo compreendia ainda Raimundo Magalhães Júnior, redator de *A Noite*, Orígenes Lessa, redator da revista *Planalto*, de São Paulo, e Pompeu de Souza, colaborador do *Diário Carioca* do Rio de Janeiro. Este último residiria em Washington e os três primeiros em Nova York. Mais adiante, esse grupo seria constantemente chamado de "Missão Brasileira de Rádio", estando em estreita relação com o *Bureau of Interamerican Affairs* (ver TOTA, 2000). Em princípio, esses jornalistas estavam autorizados a "ver e relatar a situação exatamente segundo a forma em que ela se lhes apresenta", isto é, ali estavam para testemunhar, sem cerceamento da censura, a mobilização, a produção de guerra e o ânimo da população, em transmissões radiofônicas ao povo brasileiro seis vezes por semana (A NOITE, Contarão ao Brasil o que se faz nos Estados Unidos, 29 mar. 1942). Na verdade, essa "missão" estava muito em acordo às circunstâncias do momento, com a adesão recente do Brasil aos Estados Unidos, havendo ainda uma considerável parte da população brasileira (e assim viam os americanos) que era favorável a uma aliança com o Eixo, e desconfiava seriamente do sucesso militar das Nações Unidas (*Idem*).

Inicialmente, o programa consistiria em uma curta intercalação na *Hora do Brasil*, por um espaço de quinze minutos, porém, à medida que os investigadores se tornassem mais familiarizados com a situação e com os meios à sua disposição, a duração do programa seria prolongada, iniciando-se sempre às 20:30h. Desde o começo as mensagens eram retransmitidas por intermédio das 89 estações existentes. Isso mostra claramente que havia em curso uma

colaboração estreita entre os dois governos envolvidos na operação, que exerciam, assim, uma inusual diplomacia cultural por meio da cooperação radiofônica (ver SUPPO & LESSA, 2007). Aliás, seguindo na viagem da delegação dos jornalistas brasileiros, Assis Figueiredo, Diretor da Divisão de Turismo do DIP, planejou permanecer nos Estados Unidos de dois a três meses tomando as providências necessárias ao pleno funcionamento da organização (A NOITE, Contarão ao Brasil..., 29 mar. 1942).

Instalada a "Missão Brasileira de Rádio", dois meses depois ela já estaria colaborando com as emissoras americanas em programas produzidos para a América Latina. No dia 19 de maio de 1942, a CBS (*Columbia Broadcasting System*) inaugurou, com ajuda dos jornalistas brasileiros, o programa *Cadeia das Américas*, uma realização que visava "a aproximação dos povos americanos e um mais intenso intercâmbio cultural, político e artístico" (*Idem*). No Brasil o primeiro programa seria retransmitido pela Rádio Nacional entre 22:30 e 23:30h, mas a cadeia compreendia as emissoras de toda a América, levando ao ar a palavra de chefes de estado e autoridades. A imprensa brasileira registrava o número inaugural do *Cadeia das Américas*, crendo que viria para "estreitar cada vez mais os elos de simpatia e apoio mútuo das grandes nações que formam esse continente". A *Noite* assim viu a iniciativa da CBS: "Um programa americano e por isso mesmo brasileiro também" (*Idem*).

Mas tanto naquele momento como em outros programas do mesmo tipo, haveria um "desfile" de numerosos artistas, do cinema e do rádio, indispensáveis para assegurar a audiência do ouvinte comum, pouco interessado em política internacional, sendo que muitos desses nomes ficariam definitivamente associados aos acontecimentos da época da guerra: Edward G. Robinson, Melvyn Douglas, Ronald Colman, Lauritz Melchior, Rita Hayworth, Dick Powell, Rosita Moreno, Robert Weede, Jim Falkenberg, Juan Arvizu, Mary Martin, Trio Charro, Evigarza, Orquestra da CBS e Orquestra Pan-Americana. Nesse desfile de artistas famosos o Brasil foi representado por dois nomes de primeira grandeza que se encontravam havia algum tempo nos estados Unidos, Bidu Sayão, soprano do *Metropolitan* de Nova York, e a intérprete de folclore Olga Prager Coelho, que excursionava a convite pela América do Norte (*Idem*).

A CBS continuou em 1942 e 43 a apresentar programas que enfocavam aspectos do continente americano. Em novembro de 1942, por exemplo, começou uma outra série de transmissões, de peças teatrais e musicais baseadas na história latino-americana, e dirigidas pelo ator e produtor cinematográfico Orson Welles, que havia retornado do Rio de Janeiro havia pouco tempo. A primeira das transmissões se intitulava *Introdução ao Brasil* (A NOITE, Introdução ao Brasil. Uma peça radiofônica dirigida por Orson Welles, 3 nov. 1942). Aliás, a CBS dava especial destaque ao Brasil, quase como em reconhecimento ao recente consentimento brasileiro para que as tropas americanas em trânsito para a África estacionassem no nordeste do país. Em 23 de janeiro de 43, a mesma rede radiofônica anunciou que havia contratado Camargo Guarnieri para reger diversas composições suas em apresentações da *Columbia Symphony Orchestra*, que seriam retransmitidas em ondas curtas para o Brasil (A NOITE, 24 jan. 1943).

Com o tempo, a transmissão de programas artísticos e culturais tornaram-se comuns dos Estados Unidos para o Brasil e vice-versa. Também habituais ficaram as transmissões de solenidades, de pronunciamentos e falas de autoridades, como foi a sessão que conferiu ao ministro Oswaldo Aranha o título de doutor *honoris-causa* da reputada Universidade de Rochester, dos Estados Unidos, na passagem do aniversário da Terceira Reunião de Consultas dos Ministérios das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, de que o chanceler brasileiro foi presidente, tendo atuação decisiva para o apoio que os Estados Unidos ali tiveram em virtude de sua entrada na guerra. O interessante foi que toda a solenidade transcorreu em diálogo entre os estúdios norte-americanos e o da Rádio Nacional, de onde discursou Aranha em inglês. Nesse diálogo, estiveram como temas transientes nas palavras do chanceler, a ideia de que seria essencial à própria vida nacional brasileira sua integração continental, a consagração da política da boa vizinhança, o esforço comum para salvar a civilização em perigo, luz vingadora da América vencendo a força das trevas, da tirania e da escravidão etc. Nessa ocasião havia apenas dez meses que a Missão Radiofônica se encontrava nos Estados Unidos, mas se percebe o quanto tinha avançado a cooperação radiofônica entre este país e o Brasil (A NOITE, Uma distinção ao chanceler Oswaldo Aranha, 28 jan. 1943).

Durante o transcorrer de 1943, Orson Welles apresentou a série denominada *Hello Americans*, que, durante muitos meses, permaneceu como um campeão de audiência da cadeia radiofônica que o apresentava em todos os Estados Unidos. *O Dia Panamericano* de 1943 (em 14 de abril) recebeu uma radiofonização de intensa dramaticidade, *A ideia de Bolívar*, escrita por Orson Welles, com duração de 30 minutos, retransmitido por numerosas estações em toda a América, tinha por intenção reverenciar o sentimento do americanismo, descrevendo as fases por que tinham passado a solidariedade interamericana, a partir da Conferência Panamericana de Washington em 1899. Do programa de comemorações, figurou também a palavra do vice-presidente da República dos EUA, Henry A. Wallace, e a reprodução do discurso de posse de Roosevelt, em 1933, do qual se destacava o tópico, em locução enfatizada:

No campo da política mundial, eu desejaria integrar a nação na política do bom vizinho (...) o vizinho que invariavelmente respeita a si mesmo, e por assim proceder, respeita os direitos alheios (...) o vizinho que respeita suas obrigações e respeita a santidade dos seus acordos, em um mundo composto por vizinhos. (cf. A NOITE, Programa radiofônico de Orson Welles comemorativo do Dia Panamericano, 14 abr. 1943)

Para o Brasil e a América Latina, que receberam e retransmitiram o programa, houve uma locução explicativa das passagens principais por Luiz van Rooten, ator latino-americano, que fazia carreira de sucesso no rádio dos Estados Unidos (*Idem*).

Quando da viagem oficial do capitão Amílcar Dutra de Menezes, da Divisão de Rádio do DIP, aos Estados Unidos, teve a oportunidade de entrar em contato com as redes de emissoras americanas, cuidando dos programas de intercâmbio entre os dois países, ficando acertado que a rede da *Mutual Broadcasting System* apresentaria o programa *Brazil Parade*, organizado e produzido pelos funcionários da companhia norte-americana. O programa, que foi inaugurado em 8 de maio de 1943, seria transmitido por treze semanas consecutivas, destinando-se a

“divulgar o conhecimento das coisas brasileiras nos Estados Unidos”, durante meia hora, no horário das 19:30 às 20h. A transmissão inicial deu-se no *Guild Theatre*, na avenida Broadway, diante de uma “seleta assistência de funcionários brasileiros e norte-americanos”, ao mesmo tempo em que visava “informar aos ouvintes norte-americanos sobre o importante papel que o Brasil vem desempenhando no esforço de guerra das Nações Unidas, fazendo também a divulgação de aspectos da cultura brasileira e do desenvolvimento industrial e social da grande República sul-americana”, assim como “propagar conhecimentos de ordem social, econômica, cultural (...), incluindo ainda, turismo, produção, artes e outros motivos brasileiros” (A NOITE, ‘Parada do Brasil’. O programa de rádio a ser inaugurado amanhã, 7 mai. 1943)

A produção desse programa inaugural foi esmerada, conduzida pelo ator de teatro, cinema e rádio Conrad Nagel, com acompanhamento musical a cargo de uma orquestra de quarenta figuras, sob a direção de Roberto Stanley, e com a presença do cantor argentino Tito Guizar, que cantou em português diversas canções brasileiras (A NOITE, *Brazil Parade*, 8 mai. 1943). A imprensa brasileira deu grande destaque ao novo programa, destacando que a *Mutual Broadcasting System* possuía uma cadeia de 227 estações de rádio, das quais 140 afiliadas transmitiriam o *Brazil Parade*, cobrindo centenas de cidades norte-americanas e muitos milhões de ouvintes assíduos das audições radiofônicas. O ministro da Guerra, General Eurico Dutra, pronunciou o discurso oficial de inauguração, diretamente dos estúdios do DIP, de onde era transmitida a *Hora do Brasil*, com a presença de altas autoridades e elementos das Forças Armadas (*Idem*). A feição do programa e a palavra de Dutra não deixavam de aludir que o programa consistia em um ato de boa vontade em agradecimento ao Brasil pelo consentimento a passagem das tropas norte-americanas em trajeto para o norte da África, bem como pelo esforço brasileiro em prol da defesa do Atlântico.

O comprimento de onda e o horário do *Brazil Parade* foi amplamente divulgado no Brasil pelo DIP, pois muito do material que o constituía era fornecido pela Divisão de Rádio daquele órgão. O capitão Amílcar Dutra de Menezes e os funcionários da Divisão de Rádio nutriam esperanças de que o programa pudesse ajudar a consolidar a presença do Brasil nos Estados Unidos, pondo o país “em foco, exibindo suas riquezas, suas artes e belezas naturais, as curiosidades nativas e muitos outros assuntos genuinamente nossos”, convencendo os brasileiros quanto ao apreço do Brasil pelos norte-americanos, ideia essencial para a defesa do Estado Novo, num momento em que o incremento dessas relações, bem como a decisão de constituir forças expedicionárias para lutar contra o fascismo instaurava uma incontestável contradição (*Idem*).

Acompanhando o general Dutra estavam, entre outras autoridades, o embaixador americano, Jefferson Caffery; o major Lloyd Gomez, sub-adido militar; tenente-coronel Coelho dos Reis, diretor do DIP; Berent Friele, representante do “Coordinator” Nelson Rockefeller; Richard Hipellheuser, Robert Cramaer McArdle, John Wiggins, John Adams, Theodor Xantacky, William Wileland, o diretor da Divisão de Rádio, demais diretores do DIP, e Alberto Byington Júnior, presidente da Confederação Brasileira de Radiodifusão (A NOITE, Inaugurado o programa radiofônico ‘*Brazil Parade*’, 9 mai. 1943).

Do discurso do ministro Dutra ressaltaram-se as seguintes passagens:

Este programa será mais um elo a ligar americanos do Norte e do Sul para a perfeita afinação sentimental, de modo que melhor se compreendam, melhor se auxiliem e melhor se completem.

Pela projeção que goza em face do mundo pela sua civilização, conduta e riqueza, são os Estados Unidos da América conhecidos, perfeitamente, de todos os povos da terra. Mas mesmo assim, os que com eles lutam na cruzada da salvação da humanidade, têm prazer como dispõem suas possibilidades insondáveis para tornar a vitória mais fácil e mais rápida, fazendo jorrar sobre nosso planeta as doçuras da paz e da felicidade após tantas jornadas de amargura.

Somos o aliado da pátria de Washington, e queremos levar a nossa pequenina, porém total contribuição. (A NOITE, Alocução do ministro Gaspar Dutra, 9 mai. 1943)

Após a irradiação, o general Dutra foi alvo de homenagem do embaixador Jefferson Caffery, com a entrega de um “moderníssimo receptor de rádio portátil”, oferecido por Nelson Rockefeller, coordenador da *Interamerican Affairs*, ao titular da Guerra brasileiro. O ministro Dutra, recebendo o presente, expressou agradecimento, enaltecendo a obra que Nelson Rockefeller vinha realizando como Coordenador dos Negócios Interamericanos. Afinal, foi desse esforço que nasceu e se consolidou a cooperação radiofônica entre o DIP e o *Bureau*, com contribuição decisiva da Missão brasileira de rádio que estava nos Estados Unidos desde o ano anterior. Assim, o general Dutra poderia ouvir, ele mesmo, o *Brazil Parade* (A NOITE, Uma oferta ao ministro da Guerra, 9 mai. 1943).

Uma semana depois do primeiro número do *Brazil Parade*, as colunas radiofônicas faziam apreciações críticas do programa, graças à boa recepção em ondas curtas e certa audiência local, não obstante alguma dificuldade de entendimento da língua inglesa. No dia 15, Olga Prager Coelho, que continuava sua excursão pela América, foi convidada, tendo interpretado canções do folclore da Amazônia. Outro convidado nesse dia foi Sidney Montley, um dos mais conhecidos comentaristas de rádio norte-americano, que se encarregou de fazer uma pequena dissertação sobre o progresso industrial do Brasil, tomando como exemplo o estado de São Paulo. Assim descreveu a capital paulista: “Maior centro industrial de toda a América do Sul, muito em breve numerosas cidades brasileiras teriam o mesmo aspecto, em consequência do ritmo acelerado com que se desenvolviam em todos os setores do país novas e promissoras indústrias”. Encerrando sua fala, Montley conclui, incorporando também o mito do Brasil país do futuro, tão corrente naquele momento: “O Brasil está destinado a exercer preponderante missão no mundo que surgirá desta guerra. Nós, americanos, precisamos ficar convencidos de que o Brasil não é apenas música, beleza e atração, mas no terreno econômico, e principalmente político, a grande nação do futuro” (A NOITE, O Brasil não é apenas música, beleza e atração, 16 ago. 1943).

*

O *Brazil Parade* esteve no ar até julho de 1943, esgotando as treze semanas previstas para a duração do programa. Mas não faltaram outras oportunidades para pôr em prática a

“cooperação radiofônica”, principalmente em solenidades que assinalavam o estreitamento dos laços da aliança Brasil-Estados Unidos. Quando transcorreu o primeiro aniversário da proclamação oficial do estado de guerra com a Alemanha e a Itália, o ministro Oswaldo Aranha, em 22 de agosto de 1943, proferiu um discurso, diretamente para os Estados Unidos, num programa organizado pela *CBS*, no qual, contando com o poder persuasivo da rádio, procurou dar uma impressão ao ouvinte norte-americano de que o Brasil não havia jamais hesitado em formar ao lado da “grande democracia do norte”. Pode-se dizer que muito do que foi proferido não constituía, a rigor, uma verdade:

Mas já participávamos dessa guerra, antes mesmo dela atingir as nossas plagas (...). Estávamos na guerra exatamente como já o estavam os Estados Unidos antes do ataque a *Pearl Harbor* (...). O povo brasileiro sentiu-se agredido não somente na noite sinistra em que os submarinos torpedearam nossos navios, mas no dia em que primeiro se conspirou contra o direito dos povos livres (...). Mas, na realidade, já estávamos na guerra, desde a primeira hora, pois nela o nosso espírito nacional se decidiu em favor da causa da Liberdade, coerente com a fórmula de Ruy Barbosa, esse grande estadista, para quem “entre o direito e o crime não pode haver neutralidade” (A NOITE, O discurso de Oswaldo Aranha para os Estados Unidos, 23 ago. 1943).

Também em outros momentos do discurso, Oswaldo Aranha mostrou que o regime Vargas tinha absorvido e adotado diversos aspectos conceituais e doutrinários que o governo Roosevelt tinha tornado correntes. Um deles, o princípio de que “os ingentes sacrifícios da luta armada” se justificavam pela criação de um mundo melhor, capaz de evitar que a paz se transformasse em mera trégua, a preceder novas guerras e conflitos. Outro ponto, de que a guerra que transcorria não decorria tão somente de nações que se defendiam umas das outras, mas sim de princípios, que precisavam ser salvaguardados de modo a preservar definitivamente a convivência pacífica entre as nações. Mas aquela também foi uma oportunidade de comunicar à opinião pública norte-americana que o Brasil havia adotado, mais que uma declaração formal de guerra, uma política de beligerância, entrando em ação militar, organizando tropas expedicionárias, participando diretamente dos combates e ocupando “o lugar nas frentes de batalha, até a hora da vitória das Nações Unidas” (*Idem*).

Em todas as oportunidades que se ofereciam, o rádio concorria para realçar a aliança militar em curso. Na noite de 24 de dezembro de 1943 foi a vez de ser levado ao ar um programa da *National Broadcasting Company (NBC)*, em que os cadetes brasileiros que se encontravam em treinamento nos Estados Unidos falariam para o Brasil, através da rede de emissoras do grupo da NBC, das 19:30 às 20h, dirigindo mensagens de Natal às suas famílias e amigos, que poderiam ser ouvidas no Brasil nas frequências de 25 e 19 metros. O programa incluía também números musicais, a cargo da Banda da Força Aérea, dirigida pelo capitão Glenn Miller, músico muito popular no Brasil. Mas a consequência fundamental desse programa foi o uso para a comunicação instantânea, de massa, numa época de grandes dificuldades para a telefonia internacional. Serviria como modelo no Brasil, no ano seguinte, para o projeto do programa da Legião Brasileira de Assistência (LBA) de radiofonização das mensagens entre as tropas

expedicionárias na Itália e seus familiares no Brasil (A NOITE, Mensagem de Natal dos Cadetes Brasileiros, 21 dez. 1943).³

As relações entre os Estados Unidos e o Brasil tornaram-se ímpar no continente, em virtude não só do grau de cooperação existente, em todos os sentidos, mas também pelo envolvimento militar do Brasil. O trânsito radiofônico dessa aliança acabou se refletindo no continente como um todo. O rádio norte-americano, em programas feitos para a América Latina, procurava ressaltar o pan-americanismo, dando destaque para a posição do Brasil. O rádio brasileiro também emitiu regularmente programas com esse objetivo, desde 1942, sendo que algumas das emissoras brasileiras eram ouvidas regularmente na América do Sul. Logo a programação latino-americana começou a dar destaque também ao noticiário relativo à participação do Brasil na Guerra, às vezes em “homenagens”, mormente as emissoras argentinas. Um exemplo desses programas foi realizado em 9 de janeiro de 1944 no México, em programa da principal emissora da capital, *A voz da América Latina*, organizando um programa retransmitido também para os Estados Unidos pela cadeia da *CBS*.

Nesse programa foram executadas músicas dos principais autores e intérpretes populares do Brasil, como Ari Barroso e Carmen Miranda, bem como foram declamados alguns poemas dos autores brasileiros de maior destaque. Coube a Licurgo Costa, chefe do Escritório de Expansão Comercial do Brasil no México, proferir o discurso de agradecimento. Nele Licurgo Costa ressaltou as identidades entre o Brasil e o México, e o “sincronismo de atitudes existente entre os dois maiores povos ibero americanos”. Dois pontos se ressaltam nessa apresentação oficial do nosso país aos mexicanos: o da “democracia brasileira” e o da capital importância militar. No primeiro caso, o diplomata fala da sincronia entre as diretrizes nacionais do país e as dos aliados,

Aquelas que têm sido invariavelmente as da democracia brasileira que foram reforçadas a um grau máximo com o regime instaurado no Brasil pelo presidente Getúlio Vargas, cidadão da América e cidadão do mundo, pela projeção de sua obra e de sua personalidade. Temos dado tudo o que nos tem sido pedido pelos companheiros de ideal democrático. (A NOITE, Tocante homenagem ao Brasil na capital mexicana, 10 jan. 1944)

Quanto ao papel militar do Brasil, ressaltou:

Graças a unidade que ele criou, o Brasil pôde colocar-se com um só bloco ao lado das Nações Unidas, quando ainda, conforme afirmou Churchill, ao enaltecer a nossa atitude, era muito duvidosa a vitória das forças da democracia. (...) E da definição de nossa atitude internacional até hoje, a contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo tem sido tal, que ainda recentemente ao regressar da famosa Conferência de Moscou, Cordell Hull rendia emocionante homenagem ao Brasil afirmando que, sem a sua cooperação, a vitória aliada no norte da África teria sido impossível. (*Idem*)

³ Neste programa natalino da *NBC* falaram os seguintes cadetes brasileiros: Abrahão Friedman, Heber de Andrade Figueira, Evaldo Lira Maia, Jorge Tupinambá e Luiz Maria Macdowell da Costa, do Rio de Janeiro; Milton Vieira Borges de Santa Catarina; Milton Rodrigues de Freitas, de Vitória; Abel Paraguassu de Carvalho, de São Paulo; Nilo Pinheiro Queiroz Barra, de São Salvador; Heraldo Vicente Linguanotto, de Minas Gerais.

Em meio às notícias do aprestamento para o embarque das tropas brasileiras, novamente deu-se uma nova onda de programas de rádio nos Estados Unidos sobre o Brasil. O Dia Panamericano de 1944 foi assinalado por uma intensa divulgação do programa radiofônico especialmente organizado pelas cadeias norte-americanas *WRCA*, *WGA* e *WCBX*. Este programa teve emissão especial para o Brasil, no horário nobre das 22:00 às 22:30h, diretamente de Nova York, com astros da importância de Bing Crosby, Pedro Vargas, Ginny Sims, James Milton, Helen Traubel, Don Vorhees e sua orquestra (*A NOITE*, Dia Panamericano - Propaganda, 14 abr. 1944). Enquanto os norte-americanos faziam este “favor” ao ouvinte brasileiro, a Marinha de Guerra dos Estados Unidos, que operava em águas brasileiras, solicitou ao ministro da Viação, general Mendonça Lima, a permissão a título provisório e enquanto perdurasse a guerra para instalar estações rádio difusoras de baixa potência, de 15 *watts* no máximo, destinadas a irradiar programas em inglês, “especialmente preparados para as forças armadas do grande país amigo, nosso aliado”. Naquele momento o *United Service Organization (USO)* organizava espetáculos e transmissões radiofônicas, principalmente para as tropas estacionadas no nordeste brasileiro, e queria agora enviar o sinal também para o pessoal embarcado (*A NOITE*, Programas em inglês para as Forças Armadas dos Estados Unidos que operam no Brasil, 06 mai. 1944).

As grandes cadeias radiofônicas *NBC* e *NBS* eram as mais conhecidas no Brasil, e foram elas que tomaram a iniciativa de radiofonizar a presença brasileira nos Estados Unidos, conforme os interesses nascidos das circunstâncias da guerra. Mas os programas do tipo *Brazil Parade* deixaram o ar, embora alguns artistas brasileiros tivessem destaque no rádio e no mundo dos espetáculos, mormente Carmen e Aurora Miranda. Em 18 de junho, duas semanas antes do embarque de oficiais brasileiros para Nápoles, Edward J. Noble, presidente do Conselho Diretor do *Blue Network*, rede radiofônica de Nova York e da Califórnia, com 186 estações em território americano, deu publicidade à sua resolução de ampliar imediatamente as atividades internacionais da organização, assinando acordo com as estações brasileiras superintendidas por Alberto Byington Júnior, um dos mais importantes dirigentes de rádio no Brasil. O acordo consistia essencialmente na transmissão de programas comerciais entre os dois países, com o alto objetivo de divulgar na América um melhor conhecimento do Brasil e facilitar aos brasileiros a audição dos maiores êxitos musicais e artísticos do rádio americano, tais como eram apresentados aos ouvintes norte-americanos pela *Blue Network* (*A NOITE*, Tornando o Brasil mais conhecido na América do Norte, 09 jun. 1944).

Esta iniciativa tem aspectos interessantes a considerar. Em primeiro lugar porque, à primeira vista, tratava-se de uma iniciativa privada, sem o enquadramento oficial ou suporte do DIP ou de outra agência oficial. Sem dúvida, mesmo que ela provavelmente tivesse em conta a iminente participação do Brasil na guerra, o interesse que se pode vislumbrar é o dos futuros interesses práticos que viriam no pós-guerra. De qualquer modo, é bom que se diga que um dos mais dedicados animadores desse acordo foi Júlio Barata, que, tendo retornado ao Brasil de sua “missão radiofônica” nos Estados Unidos, deixou o serviço público para presidir a *Rádio Club do Brasil* que, naquele momento, fazia grandes investimentos, tendo em vista o fim da guerra.

Outro aspecto interessante é que a proposta de intercâmbio de audição “dos maiores êxitos musicais” não passava, obviamente, de uma tentativa de penetração da *Blue Network* no rádio brasileiro, pois enquanto a recepção no Brasil era grande aos artistas e gêneros norte-americanos, não havia reciprocidade para os brasileiros na América. Naquela época a *Rádio Club do Brasil*, mantinha em sua programação uma irradiação semanal para os ouvintes americanos, pelo comentarista do *Blue Network* Edward Thomlinson (A NOITE, Tornando o Brasil..., 09 jun. 1944). Certamente Júlio Barata se esforçava para manter as melhores relações possíveis com o rádio norte-americano, que conhecia tão bem, pensando nos anos vindouros, o que não produziu resultados, devido à hostil legislação brasileira quanto à participação estrangeira na comunicação de massa brasileira. Havia um chefe das Divisões de Rádio do *Bureau of Interamerican Affairs* no Rio de Janeiro, John Wiggin, que viajava com regularidade para conferenciar com Rockefeller em Washington, e se mantinha em contato com Júlio Barata, no seu tempo de presidente da *Rádio Club do Brasil*. Assim um matutino sintetizou o papel de Wiggin: “Grande amigo do Brasil, conta com um largo círculo de amizades na sociedade carioca e nos meios de rádio e de imprensa, tem sido um dos propugnadores da política da boa vizinhança, colaborando eficientemente com as emissoras brasileiras” (A NOITE, Regressou dos Estados Unidos o Sr. John Wiggin, 15 ago. 1944).

As primeiras transmissões radiofônicas da Itália com participação de militares brasileiros se deram em 28 de julho de 1944, com uma “combinação” entre a Divisão Internacional da *NBC* e o DIP, tendo a rede norte-americana irradiado para todo o Brasil um programa especial, em que foram ouvidos vários membros da Força Expedicionária, falando diretamente de Nápoles. O locutor elogiou o valor e a disciplina do soldado brasileiro, acrescentando que se sentia orgulhoso daqueles homens. Seguiu-se a entrevista da enfermeira Elza da Conceição Medeiros, que ressaltou a perfeita colaboração entre os brasileiros e as forças das Nações Unidas, havendo como “única diferença a dos uniformes”. Deram também depoimentos, naquela transmissão histórica, o correspondente de guerra brasileiro Silvio da Fonseca, que anteviu uma “vitória próxima”, o sargento Helio Marques Gomes e o cabo Nestor Pereira Josetti (A NOITE, De Nápoles para o Brasil, 30 jul. 1944).

Assim, a *NBC*, na iminência do batismo de fogo da FEB, prestou um importante serviço iniciando as transmissões para o rádio brasileiro, enquanto se faziam as adaptações técnicas necessárias para que as próprias emissoras nacionais pudessem operar por sua própria conta. Enquanto isso, na sua programação interna, a *NBC* efetuou uma série de irradiações para os seus ouvintes “sobre a história e personalidade do Brasil”. Esses programas, com duração de meia hora, e irradiados aos domingos à tarde, foram apresentados pela *Inter-American University of the Air*, durante o período compreendido entre 26 de março e 13 de agosto de 1944. Uma das partes dessas emissões consistiam em dramatizações radiofônicas sobre brasileiros ilustres, sendo abordadas as vidas do padre José de Anchieta, do sanitarista Osvaldo Cruz e do general Rondon, dentre outros (A NOITE, Um programa radiofônico sobre o Brasil, 14 jul. 1944).

Da mesma forma, com textos do pessoal que residira no Brasil, a *NBC* tratou de temas históricos chave para que o norte-americano comum melhor compreendesse a formação brasileira, entre os quais “Os portugueses no Novo Mundo” e “O papel do negro na História do Brasil” (A NOITE, Um programa radiofônico..., 14 jul. 1944). Mas qual seria o valor real dessas irradiações para o ouvinte norte-americano? A concorrente da *NBC*, a *CBS*, mantinha em Washington, por sua vez, nos dias pares, às 22:05h, hora do Rio de Janeiro, um programa de crônicas do chefe do Departamento Brasileiro do Coordenador de Assuntos Interamericanos, Alfredo Passos, tendo como enfoque geral “a repercussão nesta capital dos assuntos brasileiros” (A NOITE, Irradiações para o Brasil direto de Washington, 03 out. 1944).

Nessa mesma época o *lobby* brasileiro nos Estados Unidos sofria uma grande baixa, com o retorno ao Brasil de Luís Jatobá, que ali dirigiu por quatro anos a Divisão Brasileira da Cadeia das Américas (*CBS*) e trabalhou em várias companhias cinematográficas, inclusive como narrador e locutor na *Metro Goldwyn Mayer*. Ao chegar, Luís Jatobá concedeu longa entrevista a um matutino, expressando muito do que pensava o ouvinte norte-americano a respeito do Brasil. É depoimento importante e, em alguns aspectos, surpreendente:

(...) o prestígio do Brasil está se tornando cada vez mais amplo e mais firme nos Estados Unidos. (...) E esse interesse se reflete através de constantes alusões ao Brasil na imprensa, no rádio, nos jornais cinematográficos e em livros sobre os diversos assuntos. Entretanto, o que realmente contribuiu, de uma maneira extraordinária, para fazer crescer o conceito do Brasil nos Estados Unidos e nos deu realmente um lugar excepcional no cunho e na amizade dos norte-americanos foi o gesto do nosso país, enviando a Força Expedicionária aos campos de batalha da Europa. (...) O homem da rua, nos Estados Unidos, sabe hoje que o Brasil existe, que o Brasil está empenhado na mesma luta, em que os norte-americanos estão empenhados, enfrentando os mesmos riscos, os mesmos sacrifícios. (...) O envio da Força Expedicionária para a frente de batalha da Europa não fez senão isso: tirou o Brasil de sua condição de país latino-americano, para situá-lo, perante a opinião pública dos Estados Unidos, entre as grandes potências do mundo civilizado. É evidente que nos Estados Unidos se conhecia a contribuição que o Brasil vinha dando à causa aliada, com suas bases e suas matérias primas. Mas, agora, estimam os norte-americanos muito mais, ainda, essa colaboração, porque estamos dando, também, o nosso sangue pela vitória da causa comum. (A NOITE, O envio da FEB fez crescer excepcionalmente o prestígio do Brasil nos Estados Unidos, 16 out. 1944)

Jatobá ainda acrescentou que a mentalidade que prevalecia nos Estados Unidos naquele momento era a do reconhecimento de que essas vitórias não teriam sido possíveis sem a cooperação internacional, atribuindo os norte-americanos grande parte dos seus êxitos ao esforço dos ingleses, ao heroísmo dos russos, à ajuda dos canadenses e à colaboração do Brasil. Já se falava no restabelecimento de linhas de navegação, inclusive a de passageiros entre Nova York e o Rio de Janeiro. Dava conta também que a *Pan American Airways* havia noticiado que as passagens aéreas seriam grandemente barateadas para a América do Sul, o que havia despertado um grande interesse nas camadas populares dos Estados Unidos, e que muitas das viagens projetadas ao México estavam sendo adiadas por pessoas que preferiam agora conhecer o Brasil. Jatobá também pensava que cada vez mais, nas escolas, universidades e cursos particulares estava havendo uma procura pelo ensino do português, sendo que tinha deixado dezesseis funcionários da *CBS* estudando a língua (*Idem*).

Nos primeiros meses de 1945 fortaleceu-se a presença do rádio estrangeiro no Brasil, não obstante a boa quantidade de noticiosos das emissoras brasileiras. O noticiário estrangeiro em questão era em ondas curtas, em português, sendo as mais ouvidas a inglesa *BBC* e as americanas. Algumas redes chegavam a fazer propaganda na imprensa brasileira, como a rede formada pelas rádios *WRCA*, *WCBX* e *WGEA*. Essa propaganda, de abril de 1945, anunciava que as últimas notícias dos Estados Unidos seriam irradiadas cada meia hora, com outras informações abrangentes de todo o mundo, como suplemento das informações locais, captadas entre 18:30 e 23:30h, hora do Rio de Janeiro (A NOITE, As últimas notícias de todo o mundo [Propaganda], 09 abr. 1944).

A *British Broadcasting Corporation (BBC)* foi muito popular no Brasil desde o início da guerra, pois seu serviço internacional tinha uma seção em português. As colunas radiofônicas elogiavam muito a *BBC* pela isenção e fidelidade jornalística, noticiando

lealmente o que ocorria, dando uma autoridade indiscutida aos seus programas radiofônicos, sobriamente, com a rigidez que se tornou característica do seu povo, os britânicos punham o mundo de sobreaviso, ao irradiarem as informações das vitórias alemãs, com a mesma têmpera, às vezes demasiadamente frias para a nossa exigência, vinham as notícias dum sucesso militar aliado. (A NOITE, O rádio na difusão cultural, 11 out. 1945)

Isso, segundo essas colunas, fazia um vivo contraste com o noticiário alemão, que não se distinguia bem da “propaganda ativa, como arma psicológica”. Assim, a emissora inglesa tinha ouvintes fiéis no Brasil, com uma equipe contratada de eficientes jornalistas brasileiros, daí: “Todos nos habituamos a ver na *BBC*, o termômetro da situação guerreira” (*Idem*).

Muitas vezes as emissões especiais, a par de seu valor de mobilização e propaganda, também conseguiam importantes frutos nas relações internacionais. De um modo geral, se pode dizer que quase todo o esforço de cooperação radiofônica internacional, qual fosse o tipo, sempre implicava em consequências nas relações internacionais, sendo as emissões estrangeiras objeto de acurada atenção por parte das autoridades. Um exemplo de irradiação especial, de efeito psicológico, evidentemente feito para reforçar os laços de integração política, ideológica e militar, foi o programa da *BBC* feito dos seus estúdios de Londres especialmente para o Brasil, e levado ao ar no dia 22 de agosto de 1944, transmitido entre 22:00 e 22:15h, hora do Rio de Janeiro, em duas frequências de ondas curtas. A emissão foi comemorativa do segundo aniversário da entrada no Brasil na guerra, suscitando breves declarações de autoridades britânicas, e do embaixador do Brasil, Moniz de Aragão, em mensagem especial aos ouvintes brasileiros, em memória da data (A NOITE, Homenagem da *BBC* ao Brasil - Pelo 2º. aniversário da nossa entrada na guerra, 20 ago. 1944).

De um modo geral, os ouvintes brasileiros da *BBC* durante a guerra, a par do conceito de isenção de que gozava seu noticiário, identificavam na emissora britânica o espírito de resistência épica dos dias trágicos de 1940, durante a batalha aérea que deveria preceder a projetada invasão das ilhas britânicas (Operação Leão Marinho), quando a Europa Ocidental estava ocupada ou sob controle dos alemães. Um matutino carioca assim sintetizou aqueles dias: “Entre as armas que irrompiam do ‘fog’ londrino, nenhuma prestou tantos serviços como

a *BBC*, a grande emissora, que conseguiu levar a todos os recantos do mundo, nas horas tristes da derrota, ou nos momentos felizes da vitória, a centelha de fé e a certeza de que nem tudo se perdia no fragor de uma batalha” (A NOITE, O rádio na difusão cultural, 11 out. 1945). Mas os programas culturais por ela irradiados, musicais e literários, principalmente, tinham audiência fiel no Brasil, durante a guerra. Nesse aspecto, muitos consideravam modelar a programação da *BBC* para o rádio brasileiro do pós-guerra:

O Brasil, cuja extensão territorial exige um esforço enorme para os trabalhos que fazemos pela unidade cultural, pela aproximação intelectual de todas as suas regiões, encontra na radiodifusão um dos melhores elementos para congregar e unir o pensamento nacional. O exemplo da Inglaterra pode e deve servir de padrão. (*Idem*)

Para o ouvinte brasileiro muito contava a presença de uma equipe de brasileiros na *BBC*. Alguns nomes eram bastante conhecidos, como os de Lia Cavalcanti, Antônio Callado e Joaquim Ferreira. Alguns deles tinham seguido para Londres em setembro de 1942, ocasião em que a cessão das bases do Nordeste era tão importante para o enfrentamento do *Afrika Korps*, de Rommel, no Norte da África. O pessoal brasileiro da *BBC* esteve sempre, durante a guerra, muito ligado às iniciativas do corpo diplomático, dando destaque às atividades do embaixador Moniz de Aragão e de Pascoal Carlos Magno, bem como as manifestações variadas de solidariedade dos brasileiros aos britânicos nos momentos mais adversos da guerra. As colunas radiofônicas às vezes registravam, em resenhas, críticas à atuação do pessoal brasileiro da *BBC*. Por exemplo, em texto de 1943, encontramos que “alguns intelectuais brasileiros vem realizando no rádio britânico (...) trabalho de fato inestimável”. Um deles foi Joaquim Ferreira, autor do livro “Eles esperaram Hitler”, uma apologia da resistência inglesa durante a batalha aérea da Inglaterra, e muito lido no Brasil, em razão do qual provavelmente a *BBC* o convidou para fazer parte do “staff brasileiro” (“PUCK”, 23 mar. 1943).

As “crônicas da guerra” de Joaquim Ferreira tornaram-se muito conhecidas porque os receptores em ondas longas de muitas estações brasileiras passaram a retransmitir aos domingos o que antes somente se podia ouvir nas frequências de ondas curtas, emitidas de Londres. As retransmissões brasileiras de programas estrangeiros eram controladas e não eram autorizadas senão mediante negociação, o que obrigou as grandes cadeias radiofônicas aliadas a manter “representantes do rádio” no Brasil, e assim procedeu a *BBC*, para retransmitir o que considerava indispensável, e assim fez com as crônicas de Joaquim Ferreira. Quanto a essas, certa vez foram avaliadas como “das mais brilhantes crônicas da guerra, com uma visão ampla dos acontecimentos, acuidade de apreciação e amplo descortino crítico (...) despido de palavrório pomposo e de velhos clichês de uma literatice suspeita (...)”, o que dá categoria às páginas radiofônicas que Joaquim Ferreira nos tem mandado de Londres” (“TED”, 03 dez. 1943). O apreço pela emissora inglesa ocorria também fora dos grandes centros, como Rio e São Paulo. Sua recepção era de boa qualidade e foi uma fonte de notícias em que se confiava durante a guerra, e que se preferia mesmo em alguns lugares onde predominava a audição em ondas curtas. Eis uma apreciação de um periódico pernambucano, em 1944:

O rádio ouvinte brasileiro está tão familiarizado com a BBC como com qualquer estação nacional. E mesmo poucas estações no Brasil tem o prestígio da emissora inglesa.

A guerra tem contribuído, sem dúvida, para o melhor conhecimento dos seus programas e para o maior interesse por suas atividades. Há pessoas que somente acreditam numa notícia quando a escutam na *BBC*, e tem razão para isso. Desde o início da guerra que nos acostumamos a ouvir todos os dias, o seu noticiário, transmitido em português. Por intermédio da *BBC*, tomamos conhecimento das tragédias e sofrimentos dos ingleses, nos dias de 40 e 41.

Escutamos, muitas vezes, as traduções dos discursos de Churchill e as notícias da "Batalha de Londres". Hoje, ainda, ouvimos os informes das vitórias aliadas; o eco dos gritos de liberdade na França, na Bélgica, na Holanda e em todo o mundo.

Mas não são apenas notícias o que nos manda a *BBC*. Ela também se lembra de nós, organizando programas especiais dedicados ao Brasil, trabalha para os brasileiros. E muita música e muita orquestra famosa temos ouvido; muito maestro de renome temos escutado, sintonizando nosso receptor para a *BBC*. ("ARROW", 9 set. 1944)

A chegada das tropas brasileiras na Itália leva a *BBC* a enviar correspondente próprio para cobrir o noticiário da frente brasileira, tendo escolhido Francis Hallawell, que passou a infância em São Paulo e morou durante muitos anos no Brasil, conhecendo bem diversas regiões do país ("ARROW", 27 out. 1944). Com isso, cresceu a identidade da *BBC* com o país. O colunista "Arrow" dá o tom da audiência da emissora britânica em Pernambuco: "Para nós, brasileiros, especialmente a *BBC* é um modelo. Sentimo-la como se fosse uma nossa emissora, e todos gostamos de ouvir o claro som do 'Big Ben'" ("ARROW", 01 out. 1944). Duas semanas depois, "Arrow", no mesmo jornal, reafirma: "A *BBC* é hoje uma nossa estação (...) Não somente ela procura organizar os programas especialmente para o Brasil, em português, como inclui nos seus programas para o Império, notícias e informações sobre nosso país. A nossa música já é conhecida dos povos de língua inglesa, através das ondas da emissora britânica" ("ARROW", 27 out. 1944).

A *BBC* conhecia bem o perfil do ouvinte brasileiro e sabia bem adaptar a ele as matérias do noticiário. No meio das notícias de operações militares, por exemplo, procurava inserir outras, mais leves, "simpatizando" o noticiário, como a que dava conta que havia causado boa impressão em Nápoles quando muitos dos soldados desceram em terra com seus violões; ou que um correspondente da "Reuters" foi encontrar um artilheiro que tocava e cantava a "Jardineira" enquanto seu canhão descansava da refrega. Reconhecendo a alegria natural do brasileiro, a *BBC* resolveu organizar programas exclusivos, com o desfile de artistas desconhecidos, os soldados da FEB, cujos cantos e músicas estabeleceriam a comunhão entre eles e o ouvinte distante do Brasil ("ARROW", 25 nov. 1944). A presença da *BBC* no Brasil durante a guerra foi importante, tendo ela dispendido muito de seus esforços para não ficar numa posição secundária frente ao rádio norte-americano. Por qual seria a preferência do ouvinte brasileiro?

O mesmo colunista "Arrow", tão bom ouvinte da *BBC*, viu-se dividido diante da escolha. Em outubro de 1944, ele escreveu em sua coluna, a respeito de uma grande cadeia radiofônica norte-americana:

Uma estação estrangeira simpática a nós brasileiros é a *NBC*. Uma das maiores emissoras dos Estados Unidos, com um corpo de técnicos, artistas e correspondentes especializados, a *NBC* muito tem feito para a aproximação entre o Brasil e a grande democracia do norte. É bom lembrar que os seus representantes na Europa deram os maiores furos de reportagem. (...)

Um grupo de rapazes brasileiros trabalha nos seus estúdios, organizando os programas que lhes parecem de acordo com o nosso gosto; e não se saem mal da tarefa. Os programas são bem escolhidos, a música é boa, e o simples prazer de ouvir falar nossa língua numa estação estrangeira já justifica a audição dos números da *NBC*. (...)

A *NBC*, no seu programa em português para o Brasil, encarrega-se de uma parte desta tarefa, divulgando entre nós as músicas, gostos e costumes ianques. ("ARROW", 06 out. 1944).

Frente de luta importante também, durante a Segunda Guerra, a "batalha radiofônica" compreendeu o emprego de esforços consideráveis para a influir no pensamento e no comportamento dos ouvintes brasileiros, sendo que, ainda que a maior parte da tarefa tenha sido obra do rádio brasileiro, outra parte o foi pelas emissoras norte-americanas e a *BBC* britânica. O uso do rádio no Brasil pelo governo Vargas teve como inspiração inicial o modelo fascista, especialmente aquele imposto por Goebbels no ministério da propaganda alemão, com o qual alguns funcionários do DIP haviam se familiarizado (BARROS, 2010, 1ª parte). Quando se iniciou a cooperação radiofônica entre o Brasil e os Estados Unidos através do *Bureau*, chefiado por Nelson Rockefeller, Vargas não hesitou em mandar seu ex-diretor da Divisão de Rádio do DIP, Amílcar Dutra de Meneses, para ficar à frente do *staff* brasileiro, que não se demorou a abandonar métodos e concepções antigas que havia empregado no passado, assumindo inteiramente e doravante a ideologia e os propósitos que exigiam as tarefas impostas pela integração do Brasil às Nações Unidas contra o Eixo. A *BBC* agiu de outro modo, contratando o pessoal brasileiro que bem entendeu, sem absorver quem quer que fosse que outrora houvesse trabalhado para a ditadura de Vargas.

Referências bibliográficas

Fontes

APRJ. Artigo Público do Rio de Janeiro. Delegacia Especial de Segurança Política e Social. Dossiê - "Emissora Alemã de Ondas Curtas"- 20 out. 1940. Alemão - Pasta n. 3.

CPDOC-FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, GV 34.09.22, XVI-20. SIMÕES, Luiz. Carta manuscrita a Getúlio Vargas. Londres, 22 set. 1934.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA DA BIBLIOTECA NACIONAL [ONLINE]

A Noite, Rio de Janeiro, 1911-1957. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: jul. 2022.

Diário de Notícias, 1930-1974. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: jul. 2022.

Diário de Pernambuco, Recife, 1825-atualmente. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: jul. 2022.

Bibliografia

"ARROW" [pseudônimo]. A BBC e a FEB. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 out. 1944.

"ARROW" [pseud.]. A NBC e o Brasil. *Diário de Pernambuco*, Recife, 06 out. 1944.

"ARROW" [pseud.]. Mundo de luz e som - A B.B.C. *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 set. 1944.

"ARROW" [pseud.]. Programa no 'front'. *Diário de Pernambuco*, Recife, 25 nov. 1944.

"ARROW" [pseud.]. Uma estação quase nossa. *Diário de Pernambuco*, Recife, 01 out. 1944.

BARROS, Orlando de. *Custódio Mesquita, um compositor romântico no tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Eduerj/Funarte, 2001.

HILTON, Stanley. *O Brasil e a crise internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LAVOINNE, Yves. *A rádio*. Lisboa: Ed. Vega, s.d.

LONGERICH, Peter. *Joseph Goebbels, uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MOURA, Gérson. *Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991.

"PUCK" [pseudônimo]. Eles Esperaram Hitler. *A noite*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1943.

RÁDIO NACIONAL. *Rádio Nacional, vinte anos de liderança a serviço do Brasil* (edição comemorativa). Rio de Janeiro, 1956.

SUPPO, Hugo R. & LESSA, Monica L. O estudo da dimensão cultural nas Relações internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In. LESSA, Monica L. & GONÇALVES, Williams da Silva (Orgs.). *História das relações internacionais, teorias e processos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

"TED" [pseudônimo]. Comentário de guerra. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 dez. 1943.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.